

Resumo: Nesta homilia da missa de Ordenação de dois padres, Dom Joaquim parte da citação latina de At 6,6, referente à instituição dos primeiros Diáconos. Busca fundamentar esse gesto, porém, nas prescrições do Antigo Testamento, quanto ao sacerdócio de Aarão. A seguir, encontra um paralelo entre a unção ritual e a unção carinhosa de Maria, irmã de Lázaro, na casa de Simão. No final, retornando ao texto dos Atos dos Apóstolos, Dom Joaquim almeja que os ordenandos, pela ação do Espírito Santo, possam também, como os primeiros Diáconos, “fazer grandes prodígios e milagres entre o povo”. Isto, porém, “antes de tudo, dentro da disciplina diocesana”.

Abstract: In this homily at the holy Mass of ordination of two priests Don Joaquim quotes the Latin citation of Acts 6:6 referring to the institution of two new deacons. He tries to establish the basis of this ministry on the traditions of the Old Testament drawn from the high priesthood of Aaron. In the sequel he finds some parallels between the rite of unction performed by Mary, sister of Lazarus at the home of Simeon. Finally Don Joaquim returns to the text of the Acts of the Apostles, by issuing vows of best wishes to the newly ordained by uttering promises to be accomplished by the Holy Spirit so that the first deacons may perform “prodigies and wondrous deeds among the people”, but not outside the “diocesan discipline”.

Sermão de Dom Joaquim Domingues de Oliveira na ordenação sacerdotal dos Padres Cláudio Cadorin e Raul de Souza¹

¹ Em Nova Trento, 4 de dezembro de 1956, publicado no Jornal “A GAZETA”, Florianópolis, 11 de janeiro de 1956.



Et orantes, imposuerunt eis manus: E orando, impuseram-lhes as mãos (At. 6,6). – Que simplicidade de palavras, e, ao mesmo tempo, que profundidade de conceitos! Aí temos, caríssimos fiéis, como foram ordenados, isto é, receberam a sublime investidura, os primeiros diáconos; nem foi por outra forma, embora no correr dos tempos, por maneira mais explícita, mas respeitados sempre a essência e o conceito daquelas palavras, que receberam os seus poderes os sacerdotes e os bispos de todo o mundo. A essência consiste nesses dois elementos visíveis e inseparáveis que, no sacerdócio, são a oração e a imposição das mãos. É o que já o grande S. Agostinho, no seu tempo, ensinava, com as conhecidas e sintéticas palavras: “É da união da matéria à forma que resulta o sacramento: *Accedit verbum ad elementum et fit sacramentum*”.

Ainda aqui, como sempre, essa praxe da Nova Aliança não é senão a confirmação do que se vinha observando desde o Antigo Testamento. Há ali, sim, imposição de mãos que não implique caráter sacramental, mesmo porque os sacramentos, como tais, são próprios e exclusivos da Lei cristã. Era, contudo, imposição desacompanhada da oração litúrgica correspondente e, até, mencionada como simples bênção. Tal foi, por exemplo, o gesto com que o patriarca Jacó, impondo as mãos sobre a cabeça de Efraim e de Manassés, “abençoou os filhos de José” (Gn. 48,14), seus netos. Pelo contrário, estando Moisés adoentado em anos e prevendo o seu fim próximo, foi por essa forma que o próprio Deus providenciou para a legítima transmissão dos poderes, ordenando: “Toma Josué, filho de Nun, homem no qual reside o meu espírito, e põe a tua mão sobre ele” (Nm 27,18). E foi precisamente por esse gesto, como é expresso no livro sagrado, isto é, “porque Moisés lhe tinha posto as mãos” (Dt 34, 9), que Josué “foi cheio do Espírito de sabedoria” e, com ela, o da prudência e da força, indispensáveis para o reto exercício de tão espinhoso mister. E é ainda ao Antigo Testamento, mestre ou pedagogo do Novo, como se exprime o Apóstolo S. Paulo, que foi pedir inspiração a Igreja para a pompa e realce das suas Ordenações sacerdotais ou Consagrações episcopais. Com efeito, já então, no longínquo sacerdócio judaico, que não passava de sombra e figura do novo, se prescrevem “túnicas de linho e cíngulos”, tal como hoje, para os filhos de Arão, em cuja descendência se perpetuava o ministério levítico; que se manda “derramar sobre a cabeça de Arão “óleo da unção, rito com o qual será consagrado”; e ainda a ele como a seus filhos serão “impostas as mãos sobre as cabeças” (Ex 29,1-10), sendo que o óleo representava a efusão abundante de graças e a imposição das mãos o penhor desses



mesmos benefícios espirituais. E tudo isso um sacerdócio perpétuo: *eruntque sacerdotes mihi religione perpetua* (Id. 29,9) todo e exclusivamente votado às altas funções do ministério. E foi dessarte que Deus, há milênios, isto é, desde a mais remota antiguidade, vinha preparando o seu povo para o advento da nova economia cristã, em que à figura sucedeu a realidade, erguendo-o, por meio desses elementos sensíveis, que ainda perduram, mas com significado altíssimo, ao verdadeiro culto mais conforme com a natureza divina, como é o culto “em espírito e verdade” (Jo 4,20), isto é, o culto embora externo, mas inseparavelmente acompanhado da verdadeira devoção e piedade interiores.

Um dia um homem, de nome Simão, por alcunha o leproso, porque sofrera desse mal, de que, aliás, fora milagrosamente curado, convidara o Mestre a vir à sua residência, querendo homenageá-lo com um banquete em sua honra, grato pela cura com que o Senhor o distinguira, ou então pelo milagre da ressurreição de Lázaro, ao que parece seu amigo e aparentado. Era na antevéspera dos ázimos e da Páscoa, a dois dias, portanto, do drama lutuoso e tão tragicamente memorável da Paixão. E eis que, “estando à mesa, veio uma mulher” Maria Madalena, a mesma que ungira os pés do Cristo na casa de Simão o Fariseu, “que tinha um vaso de alabastro contendo um bálsamo precioso feito de nardo e, quebrando o vaso, derramou-lhe sobre a cabeça” (Mc 14,3).

Assim tão minuciosamente narrado, e por três evangelistas, o fato, por certo, não deixa de conter piedosos ensinamentos e oportuniíssimas lições. E que analogia ou semelhança lhe poderíamos descobrir com a cena que, entre comovidos e edificadas, todos neste mesmo instante presenciámos? O vaso era, pois, de alabastro: *alabastrum unguenti*. Além de precioso, sobretudo se tomarmos a palavra no sentido estrito, tinha o dom e gozava de fama de conservar perfumes, que ali, por largo tempo, mantinham a puríssima essência. Não está, aí, a imagem da nossa alma, esse outro vaso tanto mais precioso quanto destinado a receber e conservar os perfumes da unção sacerdotal em que está representado esse caudal de graças que supõe e tanto recomenda o Apóstolo S. Paulo, escrevendo a seu discípulo Timóteo: “Não negligencies a graça que está em ti e que te foi dada por profecia, pela imposição das mãos do presbitério”? (1Tm 4,14).

Podendo usar os perfumes parcimoniosamente, aos poucos, multiplicando e repetindo as unções. Maria preferiu desprender-se de uma vez do que tinha de mais precioso, quebrando o vaso:



fracto alabastro unguenti, sem nada pretender, sem nada reservar para si. A sua doação foi generosa, foi definitiva e foi total. Não é o que se passa numa Ordenação em Sacerdote? Sem nada perder, de seus direitos essenciais, antes, pelo contrário, vendo-os confirmados e engrandecidos, o Sacerdote – precisamente no mais pleno uso da sua liberdade – pois é espontânea a sua generosa deliberação, vincula-se, de modo todo particular, isto é, muito mais do que os simples fiéis, e não por uma simples promessa, que possa ser considerada mera cerimônia, como esta embora já de si expressiva, pelo momento e circunstâncias em que é feita, prende-se a Deus e a seus legítimos Representantes – a Deus, pelo modo mais explícito e solene: “*Sic promitto, sic voveo, sic juro*”, feito aos sagrados Evangelhos; aos Superiores, por esse mesmo juramento e pela “especial obrigação da obediência” a que se refere o dispositivo canônico: “Todos os clérigos, e muito particularmente os já ordenados em Sacerdote, têm especial obrigação de mostrar reverência e obediência a seu Ordinário” (c. 127). João Batista preferiu, outrora, as cadeias, que o não dissuadiram de anunciar o seu verbo ardente: *Joannes in vinculis*. Como o precursor, é sobretudo com esses duplos vínculos morais que o Sacerdote se prende para o exercício de seu sublime apostolado, – o qual será tanto mais fecundo, quanto procurar concretizar aqueles supremos postulados.

O vaso continha um bálsamo precioso, feito de nardo: *nardi spicati pretiosi*. O nardo era o perfume predileto do Oriente. Já o mencionara a esposa do Cântico dos Cânticos: “Estando o rei no seu divã – o meu nardo exalou o seu perfume” (1,2). É flor que refoge à planície. Prefere, mesmo, as alturas, as elevadas alturas dos grandes montes. Prefere o Himalaia. Dá-se bem com o clima que se avizinha do céu. Não há aí um simbolismo que traz à mente a virtude angélica sacerdotal? Partido o vaso, “ficou a casa cheia de perfume do bálsamo”: *et domus impleta est ex odore unguenti* (Jo 12,3). A casa onde está Jesus é evidentemente a imagem da Igreja que não persiste sem a sua presença visível ou invisível. E como esta não conhece dimensões, pois, só na sua parte militante, tem por limites os limites do mundo, Deus pôs nas mãos do Sacerdote não apenas um, senão três vezes essências inseparáveis e identificadas à sua vida, que são o Breviário, a santa Missa e o Rosário de Maria. – O Breviário, companheiro inseparável, rezado devotamente a tempo e a horas; a santa Missa, amor dos amores do padre; o Rosário de Maria, arma com que ela aparece, sempre mais: mais nos convida ao amor e à sua devoção.



“ E orando, impuseram-lhes as mãos”. Depois destas palavras revelou o mesmo livro divino os Diáconos “cheios de graça e de fortaleza”. Praza aos céus – que a nossa pobre oração, vivificada, aliás, pelo Espírito de quem assiste e governa a Igreja, desça sobre estes caros Ordenandos, em particular sobre os que estão prestes a ascender ao Sacerdócio; e de tal sorte e em tal medida que eles, como Estevão, a cujo grau hierárquico pertenceram, e que vão superar pela ascensão ao Sacerdócio, possam “fazer grandes prodígios e milagres entre o povo” (At. 6,8), – os milagres sobretudo, que se enquadrem, antes de tudo e acima de tudo, dentro da disciplina diocesana. E também, e por isso mesmo, como os fiéis de Filipos, que tanto conforto levaram ao coração sensível de S. Paulo, deles possamos dizer que são *gaudium et corona mea* (Fil 4,1) – a nossa alegria e a nossa coroa.